

porque recordar já não dói

efemérides

meu pãe nasceu ao ano de ser abolido o estado de guerra, em 1948. a minha mãe veu ao mundo em 1952 e ainda os maquis andavam no monte. a guerra aparecia-se remota, mas estava aí.

e aí segue.

costuras

desconheço a história ao completo. só recordo, de maneira luzidia, isso sim, retalhos dela. nem sequer retalhos dela, mas dos contos que sobre a história contava a avó, ou das estórias que mal-lembrava casilda contadas por tia ubaldina. como estabelecer as ligações entre um retalho e outro? qual o ponto de costura? por onde é que corto o gênero? enfim, com que teia trabalhar? qual a imagem correcta?

há imagem correcta?

arquitetura familiar

venho duma família edificada em morrinhas, em nostalgias dos tempos idos.

a avó sempre a falar de quando a casa grande de portaris, de como era feliz antes de acontecer o acontecido. mamá sempre a contar da família, do importante que era, que até escudo e gótica casa de pedra em vigo tínhamos. a tia pilar sempre a lembrar aquela neinice em casa de um seu tio, que era mui fino e, certamente, rico.

venho duma família edificada em raiva, porque a míngua que vivia não era merecida. se não for o tio manuel, portaris seria nosso, se não for aquela peleja, continuaríamos a ter domingos e parentes, se não for a guerra, viveria em redondela.

ai, se não for...

o retrato

o tio manuel aparece na desacompanhada foto de família que conservava a minha avó. o tio manuel era o seu irmão mais velho, sendo ela a mais nova. eram treze, fora os morridos. por isso, na fotografia, a minha avó está aos pés do meu bisavô e conta só dous aninhos de idade. o tio manuel aparece direito e teso, num dos cantos exteriores do papel. ainda que os meus bisavôs repousam no centro da imagem, como em real trono, quem preside o quadro é tio manuel. porque tem porte. e acompanha essa presença majestosa de traje branco e chapéu branco e sapatos brancos. tal se fosse um indiano.

o resto de irmãos e irmãs, até treze, fora os morridos, e mesmo meus bisavôs, em seu trono real, parecem os criados pobres de tio manuel, os caseiros que lhe lavram os campos, as lavadeiras que lhe clareiam a prístina roupa, as amas de cria que amamentaram a minha avó.

portaris

o capital de portaris era muito, entre prados, estivadas, carvalheiras, searas, eiras de pão e monte do que baixavam carros e carros de estrume. dizia-se que portaris tinha um ferrado por cada dia do ano e que contava com, quando menos, trinta caseiros. não havia almoço na semana sem, no mínimo, dous cregos à mesa.

refraneiro

o crego onde canta, janta.

todo isto foi nosso

um dia meu irmão acompanhou a tio josé a tornar a água. subindo ao alto do mosteiro, onde estava a presa e nasciam os regos, olhou para onde lhe indicava o tio e atendeu às suas palavras:

-todo quanto vés no horizonte -e apontou cara o norte- foram terras de portaris.

acabada a frase, pousou-lhe a mão no ombro, igualinho que nos filmes de cavalarias e do farwest, e contemplárom o sol-pôr.

a doença

durante anos, nas visitas dos domingos à casa de cea, a avó glória comunicava a meu pai: o tio manuel está mui mau, pode que não passe do natal. e passava o natal e chegava um novo domingo. o tio manuel está mui mau, pode que não passe da páscoa; e a páscoa chegava e passava.

nalgum desses lutuosos avisos da avó arribava o rumor. morre morre, mas não acaba de morrer. seique aguenta a chupinhos de cana, afirmava a velha com voz de menina retranqueira. à má erva não há geada que a leve, deixava cair alguém da família, indefectivamente, cada domingo.

e aí ofendia-se a avó glória: chissst! um respeito! bom nunca foi, mas eu não lhe desejo a morte.

e quem morria era a conversa. até o domingo seguinte chegar acompanhado da frase de sempre... o tio manuel está mui mau, pode que não passe do sanjoão.

o mal do peito

versão 1 (mais extravagante e ciganeira): um dia o bisavô foi á feira a cambados e quando voltou à casa mandou empacotar todo porque mercara terras na banda do mar, que seique davam melhores hortas e fruiteiras.

versão 2 (mais assisada e tediosa): ao velho entrou-lhe o mal do peito. vendeu todo em cervanha e mercou terras novas, pola banda do mar, para poder ir tomar as águas á toja mais amiúde, que seique eram boas e o faziam tossir menos e não afogar em espasmos diafragmáticos.

migração

os filhos mais velhos eram já grandes. só as pequenas nasceram na casa nova. a mudança levou um par de dias e quatro ou cinco carros de bois, com as camas de castanheiro, os aparadores e os arcões de roupa branca. na viagem houvérom de voltar atrás, porque perderam a tia carne, daquela uma menina, no caminho.

seique tio manuel, o vinculeiro, tinha moça botada na festa da bandeira, que na

bandeira ficou. quem sabe se de aí lhe entrou a ruindade no corpo.

o pequeno almoço

o tio manuel só almoçava dous chupinhos de aguardente, um de cana branca, outro de cana das ervas. seique.

literatura de tradição oral

da avó glória, uma das frases que eu tenho presente e essa de vou-vos contar um conto. frase que a mim sempre me surpreendeu porque a avó o que contava era o que nós chamavamos quando crianças *chistes*. a avó não perdeu o gosto por contar e a atitude retranqueira com que o fazia nem quando lhe faltou a memória.

eu nunca as vim, que não nascera, mas podó enxergá-las na minúscula cozinha de cea, na que mal colhiam, sentadas naquelas banquetas brancas e verdes, arredor da mesa, a minha tia yoya tirando-lhe da língua e a avó glória a contar da casa grande de portaris, e de quando vinheram de cervanha toda a família com as camas e as artesas em carros de bois e perderam à tia carne, aquela que depois levaram para monja umhas missões que passaram por ali, porque *abuelito* era homem de missa diária e crego na mesa, e daquele viajante que parava na casa grande quando era tempo de feiras e a vincha rara que guardava na mala de viagem e de como tia ubaldina encirrara a avó para roubar a vincha e de...

rios que vão ao mar

as vidas não começam ao nascermos. nem são acabadas na morte. nada de rios que vão a mares que são o morrer. já alguém o escreveu algures.

as vidas são vidas quando nomeadas e faladas e ditas. há quem deixa pegadas na poeira dos caminhos durante anos até a vida chegar porfim. há pessoas que nascem mortas. ninguém diz delas.

eis a importância da memória. de dar espaço aos nomes e aos factos. de deixar um lugar para as pessoas viver, quer na língua que sai a passeio, quer no papel que se abandona á escrita. e há pessoas, instituições, meios, sumidos na desmedida tarefa de colocar cartelas, crónicas, notas a rodapé, discursos, glossas, imagens, necrológios, teses de doutoramento, canções, fotografias, odes, reportagens, obituários, anúncios breves,

contos à ninhada de netos e netas, para que as pessoas queridas existam, sejam, tenham vida.

porém, há pessoas também, que teimam em não terem sido, não terem existido, não terem vivido. morre quem podia falar delas, contar suas vidas e feitos. e rastejamos arquivos e bibliotecas, fundos de notarias, gavetas com velhas cartas, hemerotecas de jornais que foram, rejoubas ao voo nas tabernas e não damos com essas gentes. elas não quizerom ter vida, nom quizerom memória.

por que as escrevemos, logo? porque não são dignas do anonimato. porque sim viverom as suas vidas e estas foram padecidas por outras gentes. porque causarom dor e terror, medo e morte.

porque foram más. e poderosas.

intifada

quando eramos meninas e iam a missa em lois, os comunistas acovilhavam-se nas beiras dos caminhos e, protegidos polos sibadeiros e os carvalhos, largavam-nos pedras. e só eramos umas meninas que iam a missa!!, enfadava-se a a avó glória.

programação televisiva

o avô ramiro só via três cousas na tele, com permissão para ser acompanhado e proibição de ser interrompido: o parte, *curro jiménez* e as películas de vaqueiros.

de carro

gosto da velha estrada de cambados a ponte-vedra porque passa por portaris. a casa grande dos bisavôs dá para o caminho e também a casa de tia ubaldina e a de casilda e a de andrés e rosa. e quando sento à mesa os domingos sempre tenho algo para comentar: passei o outro dia por lois, ao carvalho grande de ubaldina rachou-lhe uma póla, em portaris pugérom um viveiro, arranjárom o telhado do cuberto, glória tem o salido comesto de ananos de jardim, igual os trouxe da alemanha...

se não é boi é vaca

sempre tiveram pena dos bois. ou das vacas, tanto tem. sempre que vim passar um carro

rebordante de erva, de tojo, de patacas, de estrume, e os animais tirando da carga, tão lentamente, não podia evitar sentir mágoa dos seus trabalhos. lendo saramago ficou gravada em mim a imagem única dos carros de bois puxando da enorme pedra que seria dintel no convento. nas velhas fotografias de galeões da arouça, a minha olhada repara nos carros de bois que aguardam a pedra, a madeira, o barro. e penso neles soterrados na areia a tirar forte como quando arrastamos dornas até a malhante. contaram-me que no vau, entre a arouça e leste, nas marés vivas passavam os carros de bois com areia e pedra e sal. e o pensamento ia-se-me para os animais, na água até as virilhas, sem saberem por quê a passar frio e medo das correntes e sentindo o roçamento dos muges e o peso muito dos trabalhos.

alcunha

como o bisavô chegou a portaris viajado desde cervanha, lá por silheda, foi alcumado em lois e terras de barrantes como o montanhês, o que diz muito da imaginação e carácter irónico da vizinhança.

éxodo

sempre que a avó glória contava da viagem a portaris eu lembrava esse filme em que fileiras e fileiras de carroças, toldadas com flores e lonetas, porque iam só mulheres e robert taylor, cruzavam o deserto, os montes de utah, os da rocha, a anlhada, são andré de cesar, lantanho, paradela, até encontrar o ameno val e edénico onde fundar uma nova estirpe.

ignoravam as participantes da conquista do oeste que era o mal quem guiava os carros. o diabo sobre rodas. o tio manuel.

a avó dos pepinos

sempre tivemos três avós. porque às duas naturais havíamos de acrescentar a tia ubaldina, a única irmã que, junto a avó glória, nasceu em portaris. meu pãe queria-a como uma mãe e é fraternal o apreço que sente cara o seu curmão e curmãs, pois mais tempo de jogos e infância partilhou com eles que com os seus irmãos de sangue.

nós gostávamos de ir a lois visitar tia ubaldina e tio josé. a sua horta era melhor ainda que a dos avós de cea e muito mais jovial. se a avó glória punha patacas, leitugas,

tomates, repolos e nabiças, ubaldina experimentava com cogombros, pementos de padrão e guindilheiros, tomatinhos cherie e outras delícias que daquela não se viam nos transgenizados e estufados mercados. durante anos, quando nos era anunciada a visita a lois, a minha irmã pequena saudava-a alegremente com um que bem! imos ver á avó dos pepinos!

as partilhas

mal se sabe como, porém a verdade é a que segue: o tio manuel, aos poucos, um a um, uma a uma, foi chuchando a herança aos treze irmãos e irmãs, fora os morridos. de todos os ferrados que constituíam as terras de portaris, um por cada dia do ano e, quando menos, trinta caseiros, nada restou para a avó glória e o resto da família.

só duas irmãs puidérom ter mão do seu quinhão, tia carne e tia ubaldina.

tia carne porque era monja e cuidava do seu património a santa mãe igreja, que já sabemos mira melhor polas fazendas que polas almas.

o de tia ubaldina sempre foi um mistério. seique seu homem, tio josé, fez frente a tio manuel.

é esta a razão de nós olharmos ao tio josé com a admiração dum herói, pois tinha que haver qualquer coisa mágica para que um hominho pequeno, escuchimiçado e com uns lentes grossos que nem cu de garrafa, lhe pudesse a tio manuel.

porque tio josé era um insignificante velhinho desde que o lembramos e tio manuel, a quem nunca chegamos a ver em vida, sempre foi para nós aquele moço garrido da fotografia.

necrológicas

quando morreu tio manuel, lendo o seu necrológio no farodevigo, demos em descobrir duas cousas: uma, que tia ubaldina era em realidade waldina, gótica e engraçada surpresa; duas, que tio manuel fora alcalde de riva-d'úmia no ano 40, quatro depois do ano triunfal.

lavrança

do bisavô unicamente conhecemos a imagem dele reflectida no retrato familiar. é um homem pequeno e delgadinho que, arroupado por uma cheia de filhos e filhas, sofria de

tise ou asma ou bronquite. era mui religioso, dizia a avó glória, de missa diária e beateza infinita. meu pãe para falar dele, refere-o como *abuelito*, nunca como dom manuel ou senhor ou cousa semelhante.

por isso, a imagem do bisavô com o jugo dos bois ao pescoço, puxando do arado na veiga a leste da casa grande de portaris, gradando as suas próprias terras com os seus próprios apeiros e a sua pouca força, causou em mim uma impressão comovedora.

jura tia ubaldina que ela presenciou tal cena. e eu, guiada apenas por palavras, fotografias e cinema, só podó imaginar a tio manuel de traje branco, chapéu branco, sapatos brancos a sacudir lostregaços, com chicote de corda entrançada, a *abuelito*, que, como aqueles escravos algodoneiros, mal pode arrastar-se com o peso do flagelo. seique fórom esses e outros maltratos a causa de que a avó glória acolhesse aos velhos na casa.

coro

se foi assim de mau com o pãe, como seria com os de fora...

perguntas

que foi antes, a pena polos bois ou a pena polo bisavô? são as duas a mesma aflição?

aves

canta cuco canta cuco
na rabiça do arado
a carriça está no ninho
aguardando um homem honrado

limites

a horta de tia ubaldina acabava num regato, que era o que lhe dava água e produção farturenta. para a outra banda do rego, um sibadeiro marcava a fronteira infranqueável.
- aí nasceu a avó glória, dizia meu pai, agora é todo de tio manuel.

democracia

na casa da avó glória era obrigado votar á direita. em cada elecção ela escolhia partido, mais ou menos direitoso, mais ou menos sério, e todos os maiores que dormiam sob o seu tecto deviam acompanhá-la na escolha. nunca soubemos se as ordens eram respectadas ou acatadas em silêncio para depois argalhar uma subversiva troca de envelopes.

mas o que a avó deixava bem clarinho era que na sua casa não podiam ser votados socialistas, e muito menos comunistas. jamais isso.

cuidados

o bisavô demorou muito em morrer e botou tempos encamado. precisava de mãos que mudaram lencóis, lavaram pele, forneceram medicamentos na hora certa, limpavam vômitos e excrementos, cozinharam sopas e caldos. e essas mãos foram as da avó glória, a filha mais nova. para ela atender ao velho, outras mirarom polas suas crianças, rolas que chocam os ovos do cuco. os seus tantos filhos foram acolhidos em casas de irmãs, amigas, vizinhas. meu pãe botou anos, não sabe quantos, em lois, na casa de tia ubaldina.

nós, criados a monte na casa comum, com mais ou menos estreitezas mas sempre juntos, sempre sentimos essa movimentação de filhos e pães como uma cousa extravagante, jogadas inecessárias num tabuleiro de xadrez.

e ló não podia ter cuidado ubaldina dos bisavôs, que viviam acarão dela? e ló não era cousa de tio manuel, que para algo ficara com a casa grande?

contrastes

a horta de cea era um espaço vedado. o avô ramiro não nos deixava ir a ela. podiamos tronças pólas, estropiar abrochos, malograr flores polinizadoras e mesmo espaventar as galinhas que deixariam de pór ovos irremediavelmente.

em troca, o primeiro que fazia tia ubaldina ao chegarmos a lois era levar-nos a ver os porráis, por presumir de plantio.

depois amassava farinha bem batida, fritia-a em azeite e convidava-nos a merendar churros recém feitos.

como terá sido

se foi assim de mau com a família, como seria com os de fora, imaginava minha avó. e com essa especulação mentia. porque ela sabia, bem que sabia, como fora tio manuel com os de fora; mas na sua bondade, ou melhor, no seu sentido da honra familiar, embora pudera imaginá-la, a avó não era quem de pronunciar a infâmia, de fazê-la palavra.

ou quiçás pensava, acertadamente ademais, que não dizer as cousas era a melhor maneira de apagá-las, de fazer desaparecer uns feitos, que só de pensá-los, a arrepiavam.

sempre se diz que a história a escrevem os vencedores, mas também é certo que a inescrivem. e assim, tio manuel, que era mau e foi mau, só resta nos registos da história local como alcalde da sua vila durante uns anos. e mais nada.

dos maltratos

dizia-se que portaris tinha um ferrado por cada dia do ano e que contava com, quando menos, trinta caseiros. porém, uma das maldades de tio manuel era matar a fome aos bisavôs.

matarile

dá-me do teu pão casada
do que dás ao teu marido
o meu marido vai fora
levou as chaves consigo

política forestal

pugem uma noqueira para as netas, elas hão comer das suas nozes. isso dixo meu avô ramiro num jantar de domingo.
o avô ramiro era assim mesmo de poucas palavras.

funeral

eu não participei da cerimónia fúnebre do tio manuel. quando porfim morreu, só lhe

restavam cinco irmãs e irmãos: tio andrés, tio pepe, tia carme, tia ubaldina e a avó glória. durante o ofício, entre responso e responso, derom a nota. o crego iniciou o panegírico polo defunto, louvando boas vidas e cristão espírito, e das bocas dos cinco irmãos e irmãs não faziam mais que fugir risos infantis. era digno de ver, dizia meu pãe, cinco velhotes enrugados, corcovados, com a mão levada às costas ou ao gionlho, a termar da vontade de rir a cachão em meio de um funeral. por uma vez, a avó glória, beata a consciência, renegou da infabilidade do seu deus: este crego não se inteira de nada!

bondade

e tia carme, que era monja, porque a levaram para barcelona umas missões que passavam por aí, e beata também, no seu caso de segura ingenuidade, roçou o sacrilégio: porfim manuel fez algo bom, embora fosse de morto. há bem de tempo que não nos juntamos os cinco!

cosa nostra

eu nunca podem mais que ficar pampa, nem lembro a idade que tinha, com a naturalidade com que a minha família falava, um, da morte duma pessoa e, dous, da sua maldade. sendo como era essa pessoa da casa, claro, não de fora.

anti-herói

o meu coco infantil foi de sempre o avô ramiro. nunca deixei de temer o momento de chegar-me a ele para saudá-lo, porque poucas vezes ria e muitas nos berrava. era um homem alto, de soberbos ombros, forte. quando não estava a sulfatar, podar, enxertar, trasegar ou engarrafar o vinho, ficava na eira, sob a parra, sentado na lagareta á porta da adega e ronhando entre dentes. o único que soubemos dele e por ele é que foi a uma guerra na frança dacavalo duma burra. dizias-lhe olá abuelo (porque sempre lhe digemos *abuelo*) e recebias um grrrrrrrrrr! andavas a brincar na terra e berrava aquilo de corrichos! que sodes uns corrichos! ficavas sentadinha e formal na cozinha atendendo aos contos dos maiores: estes meninhos que vivem em cortelhos já nem sabem jogar! -o meu avó sempre lhes chamou cortelhos aos andares.

por ser o avô um cocão de livro nunca nos entrou mui bem na cabeça como era que o tio

josé, com esse corpinho de mosca morta, vencera a tio manuel e o avô ramiro, em troca, não.

monstros

sim houve algo que apavorou, alguma vez, a tio manuel. yoya recorda a avô glória contando que, quando neno, tio manuel andava nos caminhos chuchando a cara para dentro para desaparecer repoludo e parecer mal mantido.

era a maneira de evitar o ataque e rapto por parte do chupa-sangues.

tipologias penais

lendo el pueblo gallego, jornal matutino ao serviço dos interesses da galiza, descubro que, por cima do estraperlo de wolfram e café o que mais abundam nos primeiros '50 são os ladrões de bicicletas.

meios de transporte

o avô ramiro era assim mesmo de poucas palavras. só duas cousas nos contava quando crianças: que fora à guerra da frança numa burra e que quando lhe fazia as beiras à avó glória, ia vê-la em bicicleta.

as voltas

a mim, que da viagem do fojo a cea ainda me marcam as trousadeiras baixadas do castro loureiro e o pousadoiro, como me marca todavia passar além de lobeira (mais outro enjoamento) para ir a lois, que o avô ramiro fora de bicicleta das eiras a portaris unicamente para ver a avó glória parecia-me o cume do romantismo.

de árvores e raízes

as árvores levam-nos vantagem. não têm voz. e faltando a voz, desnasce com ela a fabulação. e faltando a fabulação, lá vão a memória e a história, que não deixam de ser a mesma cousa. a mesma cousa que a fabulação, quer dizer.

é por isso que as árvores vivem tanto. acadam gerações que nós nem imaginamos só

porque não arrastam o lastro que a nós nos acurta as vidas. as cicatrizes das feridas, das agressões, dos desgostos próprios e alheios marcam unicamente a dura cortiça sem chegar a envelenar a seiva. de chegar-lhes ao sangue, como a nós chegamos, e de fender-lhes as raízes, como a nós o coração nos fendem, os castanheiros daquela volta, à altura de zacande, entre portaris e o mosteiro, há décadas que teriam secado.

oliver twist

um dia chegou um vizinho abafando, de andar às alancadas, só por dar aviso a tia ubaldina: corre correndo, vão teus pais em traje de dormir, com um atadinho de roupa ao lombo, caminho de cabanelas!

outra vez fugiam do vinculeiro.

a casilda sempre lho contava sua mãe. para que o tivesse presente. para que alguém lembrasse.

coro

se foi assim de mau com a mãe e o pão, como seria com os de fora...

mão de obra

esta horta figem-na eu todinha com as minhas mãos, presumia o avô ramiro. cada pé de vinha, cada maceira, os pavieiros, a laranjeira na cerrada dos porcos, todo nascido da sua suor.

o recordo do meu pão é ligeiramente outro. ele lembra as irmãs mais velhas, teresa e coco, extirpar pandulho atrás pandulho, cavar o dia inteiro. as pedras todas dos valos da carreira, elas as sacaram da terra, dizia.

e recorda ao avô ramiro negando, como recompensa a trabalho de tão grande mérito, o permiso para ir ao baile.

enganos

aprendemos desde meninas que tio manuel roubara a herança a todos os irmãos, treze, fora os morridos.

eu imaginava o tio manuel como o tio gilto de disney, oculto no seu gabinete da casa grande de portaris, temeroso de que qualquer sobrinho-neto soubesse dos seus tesouros, e adicando as tardinhas e noites a falsificar escrituras, avelhentar papelada e fabulando uma falsa memória que o virasse amo e senhor de 365 ferrados, 366 em anos bisextos. porém, como sempre tivemos a avó glória por mulher espelida, outra vez chegou a dificuldade para entender as voltas da vida. e outra vez descabia nas nossas cabecinhas como pudera ela cair na armadilha.

arvoredo

se algo tinham em comum o avô ramiro e o tio josé era o amor pelas árvores. não era essa afeição ou amizade sentimental, acompanhada de devoção e respeito, mas absolutamente pecunária. para os dous homens as árvores eram capital, riqueza futura, banco onde depositar os nossos fundos a meio praço. sombra e frutos constituíam os rendimentos a curto praço.

o avô ramiro pujo uma noqueira na horta para aprender-nos às netas a sustentabilidade, ele que desconhecia tal palavra; lembrava-nos, nas visitas dos domingos, que a noqueira estava aí para nós, e que de ele não tê-la semeado, nunca nós comeríamos nozes.

o tio josé, se o tempo estava para isso, gostava de sentar con nós a sombra do carvalho da eira, que ele mesmo deixara crescer no toco doutro carvalho anterior, para celebrar que figeram a casa, ou que nascera o filho, não lembro bem. um carvalhote que saiu especial, pois deu em botar dous galhos e apontar ao céu em duas direcções.

hoje nem carvalho nem noqueira existem. foram tronçadas polo pé.

as voltas da vida

entre chupinho e chupinho, umas vezes de cana branca, outras de cana das ervas, o tio manuel foi esbanjando todo o capital de portaris: prados, estivadas, carvalheiras, searas, eiras de pão e monte do que baixavam carros e carros de estrume.

acabou com a casa grande retida judicialmente para responder das dívidas, mal-vendida e reconvertida, com o passar dos anos, em viveiro forestal.

alternância

na casa de tia ubaldina não havia obrigas electorais. nunca disse a seso, casilda ou

glória, seu filho e filhas, a quem haviam de votar ou não. só deixava cair a mesma voz de menina retranqueira que outras vezes usava a irmã: e haverá que provar os comunistas, que aos outros já os aturamos quarenta anos...

matarile rile ro

como na cantiga, o tio manuel, quando saia da casa, levava com ele as chaves das lacenas, da adega. temia que os velhos chucharam os untos, os toucinhos, os lacões e o vinho. ubaldina lembrava os choros do pão por não poder convidá-la a nada quando passava a saudar.

- e pensar que as terras são minhas... diz que dizia.

certeza

a verdade tem um caminho, diz sempre tia teresa. a estas alturas eu penso que tem muitos e revirados.

o tio de américa

o tio pepe vinha nos verões e instalava-se na casa de tia teresa. exercia, duma maneira odiosa, o papel de tio de américa, só que ele estava em madri. lá tivera uma vida de typical self-made-man. partindo da nada, estudando às noites, acabou por possuir uma cadeia de ferratarias às que deu um nome evocador da casa familiar, portarix. porém, tio pepe chegava e exercia de tio de américa. traia-lhe ao avô ramiro quarenta trastes elétricos. à avó glória, sua irmanzinha, enchia-lhe os petos da bata com notas de mil pesetas. em troca, exigia atenções vassaláticas. havia de ser cozinhado o seu prato preferido, as rinchas guisadas, devíamos manter um silêncio sepulcral na hora da sesta, tio pepe está a descansar, e tínhamos que pôr a roupa nova se queríamos sair nas fotos que ele levaria para américa, ou madri, tanto tem.

sempre sentim que tio pepe nos tratava como a família pobre da que se avergonhava. eu estava convencida de que quando chegava a madri, ou américa, renegava do peixe, durmia escuitando música e acovilhava as fotos nas gavetas mais ocultas do fundo dos aparadores.

cuspidinhos

eu não gostava nadinha de tio pepe. a verdade tem um caminho. nunca gostei. quando os cães ainda se chamavam trosqui ele já levava o seu a cortar e pentear o cabelo. na casa da avó glória não se passava fome, mas todos os dias havia muita gente à mesa e era forçoso ajustar gastos. e ver a tio pepe mercando o seu filetinho de solombo para o caniche de pelo crespo e branco entanto o resto da ninhada andavamos a rilhar no churrasco, punha-me de cornos.

eu pensava que eram estes pormenores de tio de américa os que me incomodavam dele. o que nunca percebera, até há bem pouco, é que esse tio pepe que vinha de visita no verão era quem mais se imitava fisicamente ao tio manuel da fotografia.

exílio

tio pepe não fez as américas madrilenhas por gosto. não baixara um dia a vila-garcia a colher o vapor para buenos aires, nem o comboio para a meseta. não por gosto. não quedam vestígios da história mas houve desavença com tio manuel. tio pepe e tio andrés fugirom da casa não se sabe se amiaçados polo irmão mais velho, se por evitar discórdias maiores.

de tio pepe ninguém voltou saber até quinze anos depois, em que petou à porta, na noite, na casa da avó glória.

coro

se foi assim de mau com os irmãos, como seria com os de fora...

mr. pip

fantasiando o tio pepe, com catorze anos, desertando da casa grande de portaris, com um atadinho ao lombo, corre correndo para o tio manuel não dar com ele, passou a fazer-me sentir a tenrura do irmão pródigo, do menino abandonado nos romances de dickens, desse philip pirrip que só deseja reaparecer majestosamente de traje branco e chapéu branco e sapatos brancos por vingar a expulsão do paraíso.

foi aí que lhe perdoei a riqueza.

o ovo e a galinha

porvezes preferimos acreditar na loucura ou na ruindade de uma pessoa, de um hitler, de um videla, de um salazar, para darmos acolhido nas entranhas as atrocidades das que somos vítimas ou testemunhas. outras vezes pensamos que é a organização do sistema social ou político, autoritária, militarizada, patriarcalizada o que nos agride de maneira perversamente organizada.

na realidade, ambas se complementam. não há sistema sem pessoas e um sistema ruim faz emergir das covas da terra a ruindade daquelas pessoas dispostas a viver indignas. não há violência sem agressor desumanizado.

não há máfia sem sicários.

delinquência

a minha irmã tinha que fazer um genograma como tarefa para uma matéria. o que vem sendo uma árvore genealógica de desgraças, doenças, traumas e mortes prematuras. como meu pãe não sabia muito, perguntou a tia teresa, a mais velha das irmãs dele. só porque os avôs já morreram revelou-lhe um segredo:

- teu avô ramiro andou preso. por isso a avó glória, como um cuco, repartiu a ninhada.

i é verdade i é mentira

com o tempo, sabendo essas verdades que a avó glória contava em parte deturpadas, a dúvida invade-me. que há que nem sabemos nem saberemos nunca? que há de certo no que sim sabemos?

no frente

tio rafael, outro dos irmãos da avó glória, integrou o grupo de mocinhos falangistas que de maneira voluntaria se dirigiu desde ponte-vedra à meseta para defender as posições franquistas de guadarrama, despedidos com brancos panos e palmas admiradoras nas ruas de cambados e ponte-arnelas.

será que tio pepe e tio andrês não quizeram ser voluntários? tinham idade para isso, daquela?

delitos políticos

poderia escrever aqui que o avô ramiro sofreu pena de prisão durante o franquismo e fim. e ponto. antecessor em luta e republicano. isso pensaria a gente. mas a verdade tem um caminho. o avô ramiro foi preso, sim, por ladrão, o mais comum dos delitos, vistos os trabalhos da audiência provincial na década de '50.

general mola

há de ser semeado como grão de milho o terror. havemos de deixar sensação de domínio eliminando sem inquietude de consciência nem duvidosa vacilação a todas aquelas pessoas que não pensem coma nós.

há de ser semeado como grão de milho o terror.

a senhora

o avô ramiro fazia apanhos numa casa grande. ademais de reparar telhados e soalhos de madeira, disque reparou na senhora. nas noites escuras sempre quedava aberta a folha duma janela, entornado o poxigo duma porta, para os encontros entre a dona e o carpinteiro.

disque o cura de cea e tio manuel sabiam destes ocultos tratos e ilícitos. e disque aproveitaram, uma noite escura, a folha aberta, o entornado poxigo, para levarem ouros, pratas, lenços de holanda, argentos relógios e louças sargadelas. claro é, foram os primeiros em assinalar ao carpinteiro amador.

- e papá preferiu quedar por ladrão a lixar o nome das senhoras, da uma e da outra. assim o contou teresa.

coro

se foi assim de mau com o cunhado, como seria com os de fora...

a visita

meu pãe lembra que a avó glória ia visitá-lo a lois, quando o tinha acolhido tia ubaldina. às vezes acompanhava-a à casa grande a cumprimentar o tio manuel e dar novas dos velhos. às vezes ficava abaixo.

o que recorda lustrosamente é a avó glória voltar sempre, sem ele perceber a causa, com inchados olhos e encarnados.

a outra

no conto de teresa o avô ramiro aparece digno. prefere a prisão à desonra de duas mulheres. o que pensou a avó glória da sua honra com cinco crianças ao lombo para atender em soidade, não sabemos.

os relógios

lendo as informações de el pueblo gallego, jornal matutino ao serviço dos interesses da galiza, encontramos um manado de roubos e furtos de relógios. tanta era a necessidade de apurar os tempos da fame.

oito palavras

chamaram à porta da taberna de madrugada. a mulher não queria abrir, mas o homem disse a frase funesta, nada temos que temer. destrancou o poxigo e encontrou a face dum fascista de camisa azul. acarão dele reconheceu, espantado, outra boca que afirmou, alto e claro: sim, este é meu irmão. não houve tempo a mais verbas. falou a pistola e o som seco dum corpo inerte a cair.

a tia lolita tinha oito anos e presenciou o assassinato de seu pãe agachada por trás do balcão.

desde esse dia, por sempre, a tia lolita respostava os saúdos do seu tio com as mesmas palavras condenatórias: o senhor matou o papá, eu vim-no.

nos primeiros tempos o tio ria irritado a toleirada da menina. tu sonhaches! depois optou por fazer mais esporádicos os encontros. e acabou exsudando remorsos em forma de enreixados por toda a casa. temia a noite escura e a vingança da sobrinha.

este conto botou-mo minha mãe.

vingança

nunca soubemos que ao tio manuel o apavorassem na noite a vingança das vítimas ou no dia as frases condenatórias.

afectos

uma vez soubemos que tio manuel fora alcalde no ano '40, quatro após o ano triunfal, logo entendemos como pudera ficar com toda a herança. não era que a avó glória não fosse espelida, nem que o avô ramiro fosse um chainhas. resultava que tio manuel era amigo do glorioso movimento e podia falsear partilhas e testamentos com cúmplice silêncio administrativo.

autoridade

tio manuel malhava e humilhava aos velhos. à avó glória, que saibamos, só a humilhava. para bater nela já estava o avô ramiro.

de passeio

escreve para nós emílio grandio que um dos propósitos dos passeios falangistas era gerar um clima de terror e impotência na sociedade, que assim seria leal por força arbitrária e despótica. e será o seguinte chamado para mim? e estarei a fazer algo culposos? será se digo? será se calo?

tal qual como mulher que teme o assanho da parelha.

casamento

tia ubaldina, bela e distinguida senhorita, e tio josé, laborioso industrial, casárom em janeiro de 1940, quatro anos após o triunfal. na casa da noiva, o paço portaris, foram obsequiados os convidados, chegados de vigo, ponte-vedra, vila-garcia e cambados, com um succulento manjar.

isso conta el pueblo gallego, jornal matutino ao serviço dos interesses da galiza.

succulento manjar

se no casamento de tia ubaldina houve opulentas iguarias, seria que ainda os velhos mandavam na casa.

os anos da fome

no ano em que orson welles perguntava por rosebud, os presos de irunha enganavam a avitaminose com uma cunca de arroz cozido em munda água. no ano em que dumbo aprendia a voar, velinhos andaluzes engaiolados em são simão, tornavam o frio e a humidade abrigados só no recorde dum gabão, dumas calças de dril.

era o ano 1941 e era a espanha vitoriosa.

subtileza

o bisavó deu-lhe uma veiga a tia ubaldina para ela erigir morada, justo acarom da casa grande de portaris, da outra banda do regato. o tio manuel não gostou da ideia: a vivenda de ubaldina estropiaria o valor das terras.

decidiu uma noite visitar ao canteiro que ia levar as obras. foi recebido na cozinha, convidado a tomar do que havia, uma taça de vinho com um pouco de pão e chouriço. falarom das colheitas, dos trabalhos.

quando já tio manuel marchava, levou a mão ao cinto, tirou a pistola, pousou-na delicadamente em cima da mesa, acantoadada ao vinho e ao pão que tinham partilhado, e aclarou-lhe ao canteiro:

- sabes que esta é a minha pistola. que não tenha que usá-la.

e tia ubaldina ficou sem operários que lhe trabalhassem a pedra.

a balança

tio manuel e tio ramom não eram iguais. tio ramom também era falangista, mas dos bons.

este matiz nas falas da avó glória nunca eu o percebera mui bem.

levada do vento

escarlata abaixa-se na aurora de um novo dia, ou no entardecer do fim da guerra, não lembro, apanha uma magra e triste cenoura e jura que nem ela nem nenhum dos seus voltarão passar fome, assim tenha que mentir, roubar, esmolar ou matar. pode que algo semelhante jurara a avó glória. e pode que por isso não duvidara, magra e triste, em desaparecer, insignificar-se e nunca negar o saúdo àqueles que a danaram.

sustento

para poder atender as cinco crianças que lhe quedarom ao lombo, a avó glória abriu taberna no vento.

no lugar do vento, paróquia de cea, entenda-se.

ela sim podia dizer que vivia do ar.

licença

conta casilda: eu a tio manuel sempre o recordeo com a pistola no cinto.

rio bravo

casilda ri quando o conta, e eu volto aos velhos filmes da tele. tio manuel chamou por tio josé para discutirem, de homem a homem, a situação dos marcos e o direito de tia ubaldina a fazer lar. combinaram no regato que ficara como limiar infranqueável. o tio manuel baixou da casa grande com toda a sua fachenda e porte acompanhados de pistola luzente no cinto, escintilando com os reflexos do sol-pôr. o tio josé temia o cunhado, porém esse terror é que lhe deu força. e da banda de lois baixou o hominho pequeno, escuchimiçado e de lentes grossos que nem cu de garrafa, com um outro brilho luzidio no cinto: o cuitelo de matar o porco, aquele mais enorme que encontrou na cozinha.

assim foi solucionada a construção da casa. com um duelo de brilhos no entardecer.

rosaliana

não che tenho medo

montanhês

montanhês, não che tenho medo

submissão

papá jamais entendeu por que tia glória nunca lhe retirou as falas a tio manuel, diz-nos casilda.